1ª PARTE

Estudos

ALENCAR VISTO DE BONN

Newton Gonçalves

... "ein genialer, intuitiver Schrifsteller."
I. Schwamborn

A palestra a seguir me foi sugerida pela leitura do livro *Die Brasilianischen Indianerromane O Guarani, Iracema, Ubirajara von José de Alencar,* de autoria de Ingrid Schwamborn e publicado pela Editora Peter Lang, de Frankfurt/Meno, como 22º tomo dos Bonner romanistiche Arbeiten, em 1987.

O volumoso livro (773 páginas) foi escrito com os seguintes objetivos, definidos pela autora:

— apontar as fontes onde José de Alencar colheu *(schopfte)* informações para escrever os seus romances indianistas;

— avaliar a repercussão desses romances;

— examinar o conceito *(Begriff)* tupi, língua e povo.

Inicialmente a Autora esboça um perfil de José de Alencar, destinado à área de língua alemã *(deutschsprachiger Raum)* onde ele era pouco conhecido *(Wenig Bekannt)*

Em 45 páginas se revela um retrato de identificação de José de Alencar, em torno do qual a autora distribui à farta a documentação haurida em suas pesquisas visando os objetivos acima declarados.

Nessa síntese são passadas em revista as principais obras de José de Alencar, com destaque das Cartas sobre a Confederação dos Tamoios, considerada pela Autora "a primeira crítica brasileira, pormenorizada". *(Die erste ausfuhrlichel Literaturkritk Brasiliens).*

São bem comentadas as Cartas de Erasmo (Alencar) e por meio de citações bem a propósito a sua idéia nuclear é "descascada" *(herausgeschälen),* deixando às claras a semente da dúvida na Monarquia.

Palestra pronunciada na Academia Cearense de Letras, em 10-7-87.
Endereço do autor: Rua José vilar, 1222 — 60125 — Fortaleza, CE

Esses escorço biográfico termina assim: "Em 12 de dezembro de 1877 morre José de Alencar legando-nos uma imensa obra *(ein immenses Werk)* cujo efeito só viria a desdobrar-se completamente, no futuro.

Convém advertir, esse livro não foi escrito para uso de especialistas brasileiros, em literatura, pois, não contém naturalmente "novidades" sobre José de Alencar, já tão estudado — às vezes apaixonadamente em nosso País.

Vale, sobretudo, pelo tratamento original dado à sua documentação bibliográfica, exaustiva.

Alguém poderia considerar a pesquisa minuciosa demais (e às vezes repetitiva), mas, isto prova o interesse da Autora pelo assunto, seu entusiasmo além do cumprimento da exigência acadêmica de redação de uma Tese.

Outrossim, a Autoria escreveu para uma comunidade intelectual afeita à seriedade das pesquisas, sejam científicas ou literárias.

O livro de Ingrid Schwamborn é, ademais, um modelo de trabalho de pesquisa literária, não só no plano geral como pela excelente seleção documental consultada para sua elaboração.

Apesar da extensão inevitável do texto, a sua linguagem direta, simples, aqui e ali temperada com "humor", nos prende à leitura e nos enfeitiça.

É uma obra erudita, escrita com amor. A Autora fala fluentemente o brasileiro e tem a alma ligada ao nosso povo, mercê de longa convivência em Fortaleza, a "Terra de Iracema".

Falei no "humor" da Autora. Eis aqui apenas uma amostra: Juruna, "o favorito dos cariocas" *(der Liebling des Cariocas)* apesar dos óculos e do relógio digital, comporta-se como um "selvagam" *(wild)* e diz a verdade aos políticos.

Fato quase espantoso *(fast erstaunilich)* diz a autora, é a falta de curiosidade dos críticos de José de Alencar pelas fontes onde ele bebeu.

Os críticos, em geral, se contentaram em assinalar uma certa influência de Chateaubriand, de Cooper e de Scott.

A Autora dedica um grande espaço ao tema das fontes (330 páginas), a parte nuclear do livro, sem deixar a impressão de prolixidade, pois, o texto é muito informativo e baseado em bibliografia bem selecionada. Não são esquecidos alguns problemas relativos à aceitação *(Rezeption)* das obras de José de Alencar.

Os críticos de José de Alencar se preocuparam mais com a rebeldia dele às regras vernáculas cristalizadas nas gramáticas e com o "realista de gabinetes", isto é, com o criador de estórias espantosas e de personagens fantásticas, tal qual os super-homens e seus êmulos.

Mas apesar das críticas impertinentes a obra alencarina se popularizou, não lhe faltando o apoio das revistas em quadrinhos e prestígio das novelas de televisão, a nova forma dos folhetins de 1856.

Não disponho de dados estatísticos sobre volume de vendas das edições dos livros de José de Alencar, mas, ele sempre foi considerado bom de livraria.

Muito de seus críticos, melhor diria inimigos gratuitos, estão esquecidos nas páginas das histórias da literatura, mas José de Alencar continua presente,

mesmo sem o *marketing* das listas de *best-sellers*, duvidoso controle de qualidade de uma obra literária.

Na opinião de Ingrid Schwamborn a base da sobrevivência das obras de José de Alencar são as seguintes:

— a temática brasileira;
— o estilo encantador *(verzaubenden);*
— os personagens marcantes.

Os personagens indígenas de José de Alencar causaram muita polêmica, pois, ele jamais conheceu um selvagem "ao vivo". Como personalidade literária o selvagem é um imigrado da Europa, mas, a nossa "Eva indígena" foi uma criação alencarina.

Só por isso, José de Alencar merece um lugar distinto no coração da mulher brasileira.

O tratamento dado pela Autora à figura de Iracema é muito gentil: sem ela "não se poderia imaginar o Brasil e o Ceará".

Quem duvidar da existência real da "Virgem dos lábios de mel", vá até a Praia de Iracema, à beira dos "verdes mares bravios" e contemple o monumento ali erigido em sua memória. Não se erguem estátuas a fantasmas!

No estudo das fontes, a Autora não esqueceu os dicionários, vocabulários e glossários das "línguas da terra" quase todos aliás elaborados por lingüistas improvisados. Como boa pesquisadora ela não deixa escapar a maneira descurada *(nachlässig)* das citações de José de Alencar.

Às vezes ele omite o nome do autor e o número da página correspondente. Eram simples registros das leituras no convento olindense, quando estudante de Direito.

Esse modo de citar, essa técnica de dissimulação *(Verschleirungstechnik)* certamente não era proposital.

A Autora discute também, com muito aprumo, questões ligadas ao romantismo (o romantismo brasileiro em particular) e não esquece o problema do uso das línguas tupi e guarani na obra de José de Alencar, sem pretender fazer um estudo especializado, mas, somente para facilitar o entendimento do assunto, difícil por natureza.

Guardei na memória uma frase da Autora: "O romantismo brasileiro (como o argentino) começou em Paris". A afirmativa aparentemente paradoxal para alguns passos firmes na história da literatura brasileira.

O estudo dos falares indígenas foi muito pragmático e pouco científico. De início havia necessidade urgente de um vocabulário para facilitar o entendimento com os nativos e promover a catequese, pois os jesuítas se preocupavam muito em "salvar a alma" dos aborígines.

Quanto a José de Alencar, ele usou o vocabulário indígena e as palavras "indígenas" de sua lavra, para dar cor local a sua obra e o conseguiu, não há dúvida.

Um dos capítulos mais ricos do livro de Ingrid Schwamborn trata do pós-escrito de *Iracema* e da separação lingüística do Brasil de Portugal e da criação das tais palavras novas, por José de Alencar.

Como todos sabem, José de Alencar não se deixou abater pela idéia de colono literário e lutou tenazmente pela libertação da literatura brasileira, pela sua emancipação. Para isto discutiu com interlocutores imaginários, os seus pontos de vista e as diferenças peculiares do seu estilo. O assunto é tratado por miudos.

José de Alencar era defensor da musicalidade da língua. E da harmonia e da elegância.

Refere a Autora, apoiada em Franklin Távora, ter José de Alencar mudado a terminação do topônimo Acaracu, para Acaraú. Eu conhecia outra versão, corrente no Acaraú dos meus tempos infantis. Não é tão erudita, mas, vale pelo chiste: Um certo funcionário dos Correios, em Acaraú, tinha a preocupação maldosa de ajustar a sílaba final do carimbo postal à efígie do Imperador, nos selos das cartas.

Para evitar a coincidência e atenuar a crueza do som, o Correio resolveu tirar do antigo nome da cidade do Rio das Garças a terminação "áspera e ingrata".

José de Alencar pode ser considerado o Pedro I do estilo brasileiro e *Iracema* o seu Ipiranga.

Às margens desse "livro primoroso" nasceu um estilo brasileiro de escrever.

As páginas finais do livro (38) contêm importantes informações bibliográficas e servem de modelo para apresentação das fontes de José de Alencar*("Primärliteratur)* e das obras onde ele foi estudado *(Sekundärliteratur),* sem esquecer as obras de literatura em geral.

Entre os autores selecionados encontrei Raimundo Girão e Carlos D'Alge, só para citar dois confrades nossos.

O índice da obra *(Literaturverzeichnis)* nos dá idéia da abrangência, da profundidade e da acuidade da pesquisa literária feita por Ingrid Schwamborn.

Vale a pena consultar esse índice, dividido da seguinte maneira:

1. Cronologia dos trabalhos literários de José de Alencar.
1.1. Romances
1.2. Peças teatrais
1.3 Traduções (seleção)
1.4. Folhetos.
2. Livros e Manuscritos
2.1. Edições completas
2.2. Edições isoladas
2.3. Edições de escritos de José de Alencar
2.4. Manuscritos não publicados (seleção)
3. Biografias (seleção)
4. Obras onde José de Alencar foi estudado
5. Relatos de viagens, crônicas, historiografia (seleção)
6. Literatura sobre Tupi e Guarani (Língua e Povo)

7. Obras literárias gerais
8. Trabalhos literários sobre outros assuntos
9. Bibliografias, catálogos, história da literatura, dicionários.

Repito este índice aqui para dar uma idéia de abrangência do livro.

Não faltou à Autora a preocupação de escrever algumas páginas sobre a situação geral dos índios brasileiros e a Funai (Re. nov. 1985) abordando os pontos de vista de Darcy Ribeiro e de Batista Fagundes na questão, aliás, contraditórios.

Esse capítulo é um passo fora de temática do livro, mas, tem informações e dados curiosos sobre a situação atual do índio brasileiro, problema tratado ainda de forma muito sentimentalista e emocional, talvez como forma de expiação de um complexo colonialista, de "proteção" hipócrita dada aos índios a partir dos jesuítas para evitar a sua inevitável absorção e extermínio, como cultura e raça autônomas, mesmo na hipótese de assimilarem os recursos tecnológicos dos brancos (videocassetes, videofilmes) como pretenderam os Caipós, mencionados pela Autora.

Um constituinte não encontraria na obra de José de Alencar subsídios para propor uma emenda constitucional em favor dos índios, ou dos negros.

Os democratas elitistas sempre foram partidários das políticas a longo prazo: primeiro educar e depois libertar... ou votar!

> Lembro-me das palavras de Keynes:
> "A longo prazo todos estaremos mortos..."

Quando Afrânio Coutinho propôs a retirada da literatura portuguesa dos currículos de graduação estava dando outro grito de libertação, de independência literária, como aquele lançado por José de Alencar nas páginas dos seus romances e na fala de seus personagens.

O português, diz Ingrid Schwamborn, continua sendo ensinado como língua estrangeira, aos próprios brasileiros. Entre parênteses: Os gramáticos e os filólogos ocuparam muito o meu tempo de estudante. Um dia, depois de vibrar com a *Réplica* (de Rui Barbosa) cheguei à *Tréplica* de Carneiro Ribeiro e comecei a duvidar da utilidade do meu esforço, de tantas anotações feitas nos meus cadernos de leituras.

Carneiro Ribeiro, num livro parecido com um paralelepípedo de papel, demonstrava, com todas as letras e amparado em centenas de exemplos clássicos, estarem certos todos os "erros" apontados pelo Senador em sua famosa correção ao projeto do Código Civil.

Quando voltei de minha peregrinação pelos clássicos encontrei nos jornais, nas revistas, nos livros modernos, no rádio e na televisão (oh! a televisão!) a realidade de uma linguagem nova, rebelde, mal-educada e malcomportada, onde a comunicação era o alvo.

Nos vestibulares se fala em "comunicação e expressão", mas, a expressão é uma peninha para atrapalhar.

Leio em *Bildung und Wissongchaft* (Nº 3-4, 1987, p. 13): "Atualmente, na Alemanha, no ensino da língua alemã, para aumentar o interesse dos alunos se oferece ao lado do ensino convencional a linguagem corrente e o dialeto". (Tradução livre.)

A Autora silencia sobre a pressa de José de Alencar, na redação de seus romances, alguns dos quais aparecidos inicialmente sob a forma de folhetins, nos jornais. A pressa tem sido o grande mal da literatura brasileira. Pressa e falta de assunto.

Os críticos de José de Alencar também se queixaram da falta de verossimilhança de suas estórias, mas, apesar do arruído feito pelos críticos (portugueses e brasileiros) o povo ficou intuitivamente ao lado de José de Alencar e parece ter entendido logo o seu conceito de verossimilhança, julgando-o com benevolência, como quem admite a ficção científica, ou se encanta com os efeitos de Spielberg.

Não fora a imaginação fervente de José de Alencar, diz a Autora, o índio só teria despontado medo *(Furcht)* e compaixão *(Mitleid)*. Ninguém procurou nas obras de José de Alencar — nem quando ele comentou Lund sobre a antigüidade da América (!) — uma verdade científica, a palavra de um especialista.

Nas obras de José de Alencar o índio é o exotismo, o mistério, a atmosfera lendária para dar ao Brasil um clima paradisíaco, um encantamento só realizável nas páginas de um livro. Não tivesse Pero Vaz de Caminha aberto o caminho (sem trocadilho) do faz-de-conta nacional...

Dissertando sobre "Ubirajara" a Autora demonstra como José de Alencar se informou em Gabriel Soares e outros cronistas. Ubirajara — "o maior de todos os tupis" *(der grosste Tupi)* é uma criação de José de Alencar, feita à margem dos selvagens descritos em suas fontes literárias.

Os indígenas de José de Alencar não saíram das matas, mas das páginas dos cronistas.

Mas, os leitores certamente se identificaram com alguns traços dos modelos e daí a razão da popularidade de José de Alencar e de suas figuras imaginárias.

No capítulo final (17 páginas) a Autora lembra ter sido José de Alencar "admirado", "invejado", "combatido", "imitado", "criticado", "glorificado", "ridicularizado" e... cada vez mais lido e respeitado e, finalmente, reabilitado pelos letrados.

Essa adjetivação tão rica, tão entusiasta, revela a admiração da Autora pela obra de José de Alencar, uma coisa interior (entusiasmo) e poder servir, sem perigo de erro grave, de moldura para o estudo do nosso maior escritor.

O livro de Ingrid Schwamborn me reconciliou com a obra literária de José de Alencar, com a sua linguagem, com o "inverossímil" de suas estórias e as novidades de seu estilo.

Isto não significa uma mudança do meu gosto literário. Eu não releria José de Alencar. De gustibus non es disputando. Mas o livro de Ingrid Schwamborn me deu muitas razões para julgar com mais justiça e mais compreensão a obra de José de Alencar.

Gostaria de repetir muitos períodos do grande final da obra em estudo, toda ela um hino de louvor ao idolatrado ancestral dos nossos maiores e melhores escritores.

O livro de Ingrid Schwamborn será uma obra de consulta obrigatória, pois, resume em um só tomo, documentos espalhados em muitas bibliotecas.

No ano em que comemoramos o 25º aniversário de fundação do "Centro de Cultura Germânica da UFC", temos mais um motivo de louvar a Ingrid Schwamborn pela redação desse livro monumental.

Ingrid Schwamborn e seu ilustre marido — Frieldhelm Schwamborn — exerceram suas atividades docentes naquele Centro e souberam, com o domínio fluente da nossa língua, dar novas raízes ao intercâmbio cultural Brasil-Alemanha, tão frutuoso.

Infelizmente o tempo é escasso e a minha capacidade curta para transmitir aos senhores a minha impressão sobre este trabalho, onde José de Alencar foi tratado como escritor "genial e intuitivo", uma boa definição para servir de epígrafe a estes pobres comentários.

Concluindo, com palavras de José Veríssimo, desejo para este livro "ventos galernos" para o conduzirem "ao porto da simpatia pública".